

Cartografando o passado goiano: um circuito pedagógico sobre modo de vida e espacialidade na Vila Cenográfica de Santa Luzia, no Memorial do Cerrado da PUC Goiás

Adriana Licar de Sousa

licarantonni1@hotmail.com

Nicali Bleyer Ferreira dos Santos

nicali@pucgoias.edu.br

Resumo: A incorporação das questões regionais e culturais do estado de Goiás no ensino de Geografia é essencial para uma formação integral e contextualizada, conforme preconizado por documentos orientadores como o Documento Curricular para Goiás Ampliado (DC-GO, 2021). No entanto, essa temática ainda é negligenciada nos materiais didáticos convencionais, o que impõe ao professor o desafio de mediá-la por meio de recursos complementares e práticas pedagógicas inovadoras. Nesse cenário, os espaços não formais de aprendizagem emergem como ambientes privilegiados para promover vivências imersivas e sensoriais, capazes de concretizar conteúdos abstratos e fortalecer a identidade cultural dos estudantes — um princípio expresso no capítulo “Goianidade” do DC-GO, que valoriza o aprendizado a partir da experiência e do entorno comunitário. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo geral contribuir para a divulgação e acessibilidade à história e à cultura de Goiás por meio de uma proposta didática imersiva, desenvolvida em um espaço não formal de aprendizagem: o Memorial do Cerrado. A metodologia proposta busca superar a lacuna dos materiais didáticos tradicionais, promovendo uma educação inclusiva e participativa, na qual os estudantes assumem papel ativo na construção do conhecimento. Ao utilizar mapas, croquis e outras representações espaciais em um contexto imersivo, a atividade visa não apenas cumprir as diretrizes curriculares, mas também estimular a reflexão crítica sobre o espaço vivido. Dessa forma, este estudo defende que a articulação entre Cartografia, cultura regional e espaços não formais é peça-chave para um ensino significativo, capaz de formar cidadãos conscientes de sua identidade e de sua inserção no território goiano.

Palavras-chave: espaços não formais; ensino de geografia; cartografia.

Introdução

O entendimento referente às questões regionais e culturais do estado de Goiás são importantes do ponto de vista da formação integral e do conhecimento do espaço de vivência de estudantes e professores goianos. Essa temática está apresentada em documentos orientadores, como o Documento Curricular para Goiás Ampliado (2021), mas, não é comumente apresentada em livros didáticos e apostilas. O professor, acaba sendo o responsável por incluir e mediar o assunto, a partir de materiais complementares e/ou atividades, que possam associar o conteúdo a aprendizagem significativa dos estudantes. Nesse contexto, surge a possibilidade de trabalho em espaços não formais de aprendizagem, que possam proporcionar

uma imersão sensorial e de vivência, sobre a temáticas específicas, no caso, referente à cultura regional do estado de Goiás.

No volume III do Documento Curricular para Goiás Ampliado - DC-GO (2021) “Anos Finais do Ensino Fundamental”, a estrutura do documento inclui um capítulo chamado “Goianidade”, o que demonstra que a identidade cultural goiana é parte central da proposta curricular do estado. Essa referência reconhece que os alunos aprendem a partir das suas vidas, de suas experiências fora da sala de aula e isso é de suma importância para tornar a aprendizagem mais significativa, uma vez que permite às escolas serem criativas, usar espaços da comunidade, fazer parcerias, propor oficinas e trilhas de investigação.

Uma prática didática imersiva dá voz aos estudantes, por intermédio de uma ação participativa, na qual os alunos se tornam parte ativa do processo de aprendizagem, refletindo sobre o que aprenderam, como aprenderam e o que ainda querem explorar, promovendo uma educação mais inclusiva em espaços e métodos flexíveis podem atender diferentes estilos de aprendizagem, culturas e realidades sociais.

Além disso, tanto a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2017) quanto o Currículo Referência de Goiás (2013) conferem à Cartografia um papel central na formação do pensamento espacial.

A BNCC (2017) estabelece que, no Ensino Fundamental, a Geografia deve desenvolver “à leitura e a interpretação de diferentes linguagens cartográficas como forma de compreender o espaço geográfico” (Brasil, 2017, p.360).

Assim, o estudo sobre Goiás não é uma sugestão, mas uma orientação curricular obrigatória, que aparece no capítulo “Goianidade”, destinado justamente à leitura das paisagens, práticas culturais, processos históricos e modos de vida presentes no território goiano. O DC-GO (2021) inclui entre suas habilidades, a seguinte: “Analisar as características ambientais, culturais e socioeconômicas do território goiano, reconhecendo suas especificidades regionais”. (Goiás, 2021).

Diante desse contexto, o uso de espaço não formal de aprendizagem, como espaço de desenvolvimento cognitivo e de imersão e aprendizagem sensorial, associado ao uso da Cartografia Escolar, como recurso de aprendizagem, ao mesmo tempo que se trabalha conteúdos solicitados dos documentos orientadores da Educação Básica, como o Documento Curricular para Goiás ampliado (2021) e a Base Nacional Comum Curricular (2017), tornam-se peça-chave no processo de ensino e aprendizagem de estudantes, contemplando a ausência de materiais didáticos para esse fim.

Os referidos documentos orientadores apresentam, para o Ensino Fundamental, uma clara valorização do “pensamento espacial” e do “raciocínio geográfico” como competências centrais no ensino de Geografia. Essas habilidades não servem apenas para decorar mapas, mas para interpretar o mundo à volta dos estudantes, ligar o local (Goiás) com o global, e construir representações significativas do espaço.

O DC-GO (2021) também prevê diversas formas de representação cartográfica: por exemplo, em suas habilidades para os Anos Finais do Ensino Fundamental, há a previsão de que os estudantes aprendam a ler e interpretar diferentes tipos de mapas (mapas temáticos, anamorfoses, croquis) e a elaborar mapas ou outras formas de representação cartográfica.

Esse foco em Cartografia reforça que o currículo estadual enxerga os mapas e outras representações espaciais como ferramentas ativas para a aprendizagem geográfica. Eles não são apenas tema de aula, mas instrumentos para que os alunos representem o espaço em que vivem e façam análises espaciais.

Nesse contexto, o presente trabalho, tem como objetivo contribuir para a divulgação e acessibilidade da informação referente a história e a cultura de Goiás, por intermédio de uma proposta didática imersiva, em espaço não formal de aprendizagem.

Como objetivos específicos a presente pesquisa visa atender as seguintes questões:

- Realizar uma pesquisa bibliográfica referente ao uso da Cartografia Escolar em espaços não formais de aprendizagem, de modo a contribuir com a discussão da temática, bem como, fundamentar a proposta didática apresentada.
- Propor atividade de prática pedagógica, com ênfase na Cartografia Escolar, explorando espaço e conteúdo referente a cultura e a sociedade de Goiás.
- Associar temas referentes à Cartografia e à Geografia de Goiás, em uma proposta de aprendizagem ativa e sensorial em espaço não formal de aprendizagem - o Memorial do Cerrado.

Para tal, o trabalho utiliza mapas, croquis e outras representações espaciais em um contexto imersivo, visando não apenas cumprir as diretrizes curriculares, mas também, estimular a reflexão crítica sobre o espaço vivido. Dessa forma, este estudo defende que a articulação entre Cartografia, cultura regional e espaços não formais é peça-chave para um ensino significativo, capaz de formar cidadãos conscientes de sua identidade e de sua inserção no território goiano.

1 Percurso metodológico

Como percurso metodológico adotou-se a referência de Silva e Souza (2019), transpondo a proposta para o trabalho pedagógico, no circuito de visita da Vila de Santa Luzia, no espaço do Memorial do Cerrado da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, associando a prática pedagógica, baseada em conhecimentos cartográficos, ao conhecimento sobre História e Geografia de Goiás, através das diferentes representações socioespaciais que o local proporciona, juntamente com seu acervo de objetos históricos.

De acordo com Silva e Souza (2019) é possível trabalhar questões pedagógicas, em espaços não formais, como os museus, a partir da experimentação e de pesquisas sobre o espaço, com fins ao desenvolvimento de novas competências, envolvendo professores e alunos.

Dessa forma, para o desenvolvimento da proposta pedagógica foram realizados trabalhos de campo imersivos no Memorial do Cerrado, no mês de outubro de 2025, com o objetivo de não apenas conhecer o espaço, mas também, de verificar de perto as possibilidades de interações didáticas que poderiam ser desenvolvidas, associando-as as referências lidas para este fim. As atividades de campo permitiram analisar cada espaço e objeto do cenário que, posteriormente, foram confrontados, com as temáticas e orientações propostas pelos documentos que orientam essa pesquisa (Brasil, 2018; Goiás 2021), para o Ensino Fundamental Fase II, escolhido, por trabalhar diretamente questões de Cartografia. Durante a imersão o percurso de visita foi mapeado e fotografado para posterior comparação entre os conteúdos apresentados no local e os conteúdos de referência propostos pelos documentos orientadores da Educação Básica.

Infelizmente a pesquisa não contemplou a aplicação da proposta. Ficando esta questão, para a continuidade da investigação pedagógica em outro momento.

2 Contextualização teórica

2.1 Espaços não formais de aprendizagem e as Diretrizes para a educação Básica

Imagine aprender em um parque, em um museu ou em uma praça. O trabalho de Rocha (2018) fala exatamente sobre isso, sobre a possibilidade de aprender fora da escola, em ambientes ricos em informação e que podem completar o que as crianças aprendem na sala de

aula, tornando tudo mais interessante e conectado com a vida real. A pesquisa mostra como o contato com lugares diferentes desperta a curiosidade, a criatividade e ajuda no desenvolvimento geral dos pequenos, provando que a gente aprende em todo lugar. Ao interagir com espaços e coisas, vamos além de conhecimentos abstratos exploramos realidades que se conectam com os conteúdos que aprendemos na sala de aula.

Nessas situações de interações há o desenvolvimento completo do indivíduo, do corpo, das emoções, das amizades e da inteligência. Isso acontece porque ao sair do ambiente escolar, as crianças se tornam mais independentes, aprendem a conviver com os outros e entendem as coisas a partir de experiências de verdade, deixando o currículo mais rico e o ensino mais divertido (Rocha, 2018).

Espaços não formais de aprendizagem são utilizados por escolas ao longo da história recente. A partir da década de 80, com a criação dos Centros de Ciência, pensados para se articularem as escolas e a Educação Básica, as “visitas” escolares tomam dimensionamento. Um exemplo desta prática é o próprio Memorial do Cerrado da PUC Goiás. Criado nos anos 1990, e inaugurado em 1997, recebe escolas, desde a sua inauguração e realiza um trabalho pedagógico diário, com cerca de 200 vistas por dia. Em eventos festivos, como o Dia do Folclore, em que o espaço abre gratuitamente para o público, com diferentes atividades culturais, como apresentação de congadas, oficia de beju e rapadura, o público diário chega a 3.500 pessoas (Instituto do Trópico Subúmido, 2025).

Nesse contexto, emergem e se fortalecem os espaços não formais de aprendizagem que, apesar de não estarem diretamente vinculados ao ambiente escolar, contribuem de forma direta com o processo de ensino e aprendizagem, possibilitando a exploração de temas e vivências pedagógicas para diferentes grupos, principalmente os espaços considerados institucionais - por possuírem equipes técnicas responsáveis pelas atividades, colaboram de forma direta para que a troca de saberes se efetue da melhor maneira, potencializando o trabalho educativo (Jacobucci, 2008).

Espaços não formais de aprendizagem, além de contribuírem de forma direta com o processo de ensino e aprendizagem de conteúdos e de desenvolvimento cognitivo, também auxiliam na questão da infraestrutura como suporte pedagógico, suprimindo algumas carências de espaços da escola (Vieira, Bianconi e Dias, 2005). No caso específico do Memorial do Cerrado, a presença de um museu de história natural, de trilhas ecológicas, de espaços de socialização, integração e arte-educação, bem como espaços cenográficos educativos relativos à questão social e etnográfica há um ambiente completo, para o desenvolvimento não apenas de conteúdo, mas também, de sensibilização e de interação social entre os pares.

A BNCC, que é o documento que orienta o que deve ser ensinado nas escolas do Brasil, destaca essa perspectiva. Ela diz que a educação infantil precisa ajudar a criança a se desenvolver por completo, em parceria com a família e a comunidade. Usar esses espaços não formais coloca em prática o que a BNCC chama de "Campos de Experiências" (como explorar o corpo, os sons, as cores, a imaginação e o mundo ao redor) e desenvolve competências importantes para a vida, como o conhecimento, a criatividade e a cidadania (Brasil, 2018).

São muitos os trabalhos que falam sobre a importância de espaços não formais de aprendizagem para a educação. A maioria deles, volta-se para crianças e a importância desses locais para o ensino de Ciência (Gaia; Lopes, 2019; Dias *et al*, 2017; Arruda *et al*, 2021), tendo como ponto de convergência, o fato de que a educação acontece em diferentes locais e contextos educacionais.

Os acervos do Memorial do Cerrado, em especial o de peças históricas, apresentados no contexto da Vila Cenográfica de Santa Luzia - objeto de estudo da presente pesquisa -, ajustam-se à proposta educativa integrada de temas propostos para a Educação Básica, como por exemplo, a de que os objetos narram histórias.

A BNCC dá ênfase à alfabetização, ou letramento científico, baseado na investigação como elemento central da formação, no qual situações que promovam a investigação a partir da observação, da proposição de hipóteses e da elaboração de soluções para questões postas, possam ajustar-se a uma formação para além da sala de aula. Essas questões são facilmente vivenciadas no espaço não formal de aprendizagem do Memorial do Cerrado, com várias possibilidades de integração temática. Para o caso da presente pesquisa, vamos focar no ensino de Geografia e História de Goiás, com questões específicas relacionadas ao modo de vida do período colonial, utilizando-nos de caminhos formativos diversos e interdisciplinares, assim como apontam as orientações atuais vinculadas a educação no Brasil (Resolução 2/2015; Resolução 2/2019; Resolução CNE/CP 4/2024; Resolução n. 7, de 18 de dezembro de 2018; Base Nacional Comum Curricular - BNCC, 2018).

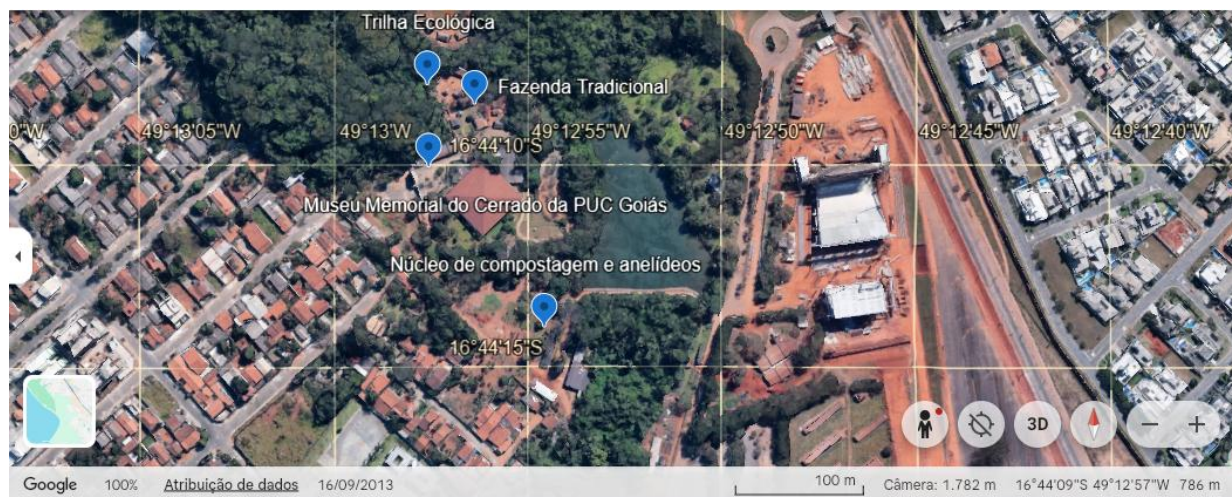
4. O Instituto do Trópico Subúmido como Espaço de Complementaridade Educativa para o Ensino de Geografia.

A utilização de espaços não formais de educação tem se mostrado uma estratégia pedagógica fundamental para superar limitações estruturais e curriculares no ambiente escolar. Nesse contexto, o Instituto do Trópico Subúmido (ITS), vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Apoio Estudantil da PUC Goiás, configura-se como um complexo de relevante potencial para

a formação geográfica, ao adotar o bioma Cerrado como eixo epistemológico norteador de suas ações, bem como trabalhar conteúdos referentes à sociedade e à cultura regional de Goiás. O ITS articula, de maneira indissociável, o tripé universitário do ensino, da pesquisa e da extensão, oferecendo um ambiente rico para a prática educativa interna e externa à universidade.

O Instituto está localizado no Jardim Mariliza, Campus II da PUC Goiás (Figura 1) e se consolida como um verdadeiro laboratório multidisciplinar a céu aberto, com diferentes possibilidades de trabalho interdisciplinar. Dentre os espaços que fazem parte do instituto, está o Complexo do Memorial do Cerrado, que possui diferentes espaços imersivos que atuam na Educação Ambiental Patrimonial, a partir da vivência e percepções sobre o Cerrado e a cultura regional. Fazem parte do complexo, o Museu de História Natural, a Vila Cenográfica de Santa Luzia, com seus espaços urbano e rural, remetendo a cultura vivenciada do período colonial, réplicas de um quilombo e de uma aldeia indígena Timbira. Complementam a estrutura, duas trilhas ecológicas para educação ambiental, um viveiro de espécies nativas, uma central de compostagem e minhocultura, um banco de sementes e dois espaços abertos de integração social, além acervos etnográficos e biológicos, que intensificam a valorização da cultura material e imaterial (Figura 2).

Figura 1: localização do Instituto do Trópico Subúmido - PUC Goiás.



Fonte. Imagem Google Earth.

Figura 2: Mapa de localização, espaços e infraestruturas - ITS/Memorial do Cerrado PUC Goiás.



Espaços não formais de aprendizagem, como o Memorial do Cerrado, têm sido historicamente utilizados como complemento as atividades escolares, ou mesmo passeios e visitas técnicas. Isso porque esses locais, articulam-se a concepção de centros de ciências e aproximam conteúdos teóricos da abstração real e palpável de forma prática, lúdica e imersiva.

Alguns espaços não-formais de educação têm se constituído como campo para diversas pesquisas em educação que buscam compreender principalmente as relações entre os espaços não-formais e a Educação formal no Brasil. Museus de arte têm sido estudados pela recente divulgação cultural, em parceria com escolas, zoológicos, dentre outros, como locais favoráveis à realização de projetos de Educação Ambiental, e os museus e centros de ciências têm recebido grande atenção dos pesquisadores pela potencialidade de envolvimento da comunidade escolar com a cultura científica. (Jacobucci, 2008, p. 3).

Além disso, a carência de infraestrutura adequada nas escolas — como instalações físicas precárias, falta de bibliotecas, laboratórios e a discrepância entre o tamanho das salas e o número de alunos — impacta diretamente a qualidade do ensino (Saytro; Soares, 2007).

Superar essas limitações exige a busca por alternativas que complementem o ambiente escolar tradicional.

Outro desafio significativo reside na centralização e na regionalização dos conteúdos dos livros didáticos. Como aponta Batista (2011), há uma predominância de abordagens focadas na região Sudeste do país, em detrimento das particularidades de outras regiões, como a Centro-Oeste. Embora tenha havido um avanço na descentralização do controle dos livros, o processo ainda é majoritariamente influenciado por universidades do Sudeste, o que resulta em uma representação limitada da diversidade regional nacional.

É perceptível o avanço quanto à descentralização do controle do livro didático [...], porém em sua maioria da região Sudeste, que é a mais desenvolvida economicamente. Isto significa pensar que o livro didático atende aos interesses desta região [...] Porém, os outros estados ainda não se vêem representados no livro em que estudam, pois estes valorizam hábitos de outras regiões, deixando de atender as peculiaridades de cada região (Batista, 2011, p. 25).

Essa lacuna nos materiais impressos dificulta a valorização das riquezas e identidades locais, contrariando as diretrizes educacionais que preconizam a contextualização do aprendizado com a realidade regional dos estudantes.

Assim, espaços como o Memorial do Cerrado do ITS tornam-se aliados cruciais para contornar tais obstáculos, uma vez que funcionam como ambientes de formação complementar, onde a abstração teórica cede lugar à experiência concreta. Ao proporcionar vivências práticas, o local amplia a interação entre alunos e professores, enriquece as discussões teóricas e complementa, de maneira eficaz, carências comunicacionais e de conteúdo.

As possibilidades de interação pedagógica do espaço do Memorial do Cerrado, vão ao encontro da exigência contida nos documentos norteadores da educação brasileira, que é a de dedicar parte do currículo às questões do lugar de vivência dos educandos, bem como a de promover a aproximação com questões científicas. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (2017), orienta um ensino integrado, interdisciplinar e investigativo. Além disso, reforça a importância para o desenvolvimento da interdisciplinaridade.

Nesse sentido, a integração do ambiente e conteúdos escolares, com espaços fora da escola, pedagogicamente pensados para contribuir com a formação de estudantes e professores, oferece, aos docentes, ferramentas para preencher as lacunas do livro didático não apenas ampliando as possibilidades de interação, mas também, despertando nos alunos o interesse e o senso de pertencimento em relação ao seu território, promovendo a valorização do patrimônio natural e sociocultural local.

E, é nesse contexto que se encaixa a Vila Cenográfica de Santa Luzia. Este ambiente foi pensado e concebido para representar modos de vida, saberes e cultura, do período colonial brasileiro, mais especificamente, da região central do Brasil. A vila representa um ambiente urbano e um rural, utilizados para fins dessa pesquisa, conforme pode ser observado nas Figuras 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10 a seguir.

Figura 3: espaço da praça central do espaço urbano da Vila Cenográfica de Santa Luzia.



Foto: autora, setembro de 2025.

Figura 4: perfil espacial da do espaço urbano da Vila Cenográfica de Santa Luzia.



Fonte: acervo ITS.

Figura 5: visão do espaço da periferia - espacialização da segregação sócioespacial da Vila Cenográfica de Santa Luzia.



Fonte: acervo ITS.

Figura 6: casa da fazenda - espaço rural - Fazenda Baraúna da Vila Cenográfica de Santa Luzia.



Foto: autora, setembro de 2025.

Figura 7: espaço da oficina de farinha no ambiente rural da Vila Cenográfica de Santa Luzia.



Fonte: acervo ITS

Figura 8: ambiente da escola - espaço urbano da vila cenográfica.



Foto: autora, setembro de 2025.

Figura 9: ambiente da praça central (espaço de brincar) espaço urbano da vila cenográfica.



Foto: autora, setembro de 2025.

Figura 10: ambiente da praça central (comércio local).



Foto: autora, setembro de 2025.

O ambiente urbano apresenta, em salas temáticas, reconstruções sociais vivenciadas no período reportado, onde tanto os espaços, quanto os objetos, trazem a narrativa de como as pessoas viviam e as relações sociais desenvolvidas. No primeiro espaço temos a representação da casa do Coronel, uma figura tradicional e ímpar do período colonial brasileiro. Representa a riqueza e os mandos políticos e, objetos expostos, simbolizam esse poder: a louça, o piano e os móveis pomposos de madeira torneada. O próximo espaço representa a escola, no qual as

mesas duplas de madeira, a palmatória e o ‘caderno-lousa’ evidenciam os modos de fazer de uma sala multisseriada, como de costume à época. O espaço da praça, representa as socializações e os ofícios que hoje, vemos pouco no nosso cotidiano, como o alfaiate e o sapateiro. É possível observar objetos que nos remetem a essas profissões, assim como pinturas na parede, que simulam o ambiente vivido.

A próxima sala mostra a tipografia. O ambiente no qual eram escritos os jornais e notícias da época. Maquinários, mobiliários e papel, assim como tipos e carimbos, levam o visitante a mergulhar no universo das palavras, de muito antes de pensarmos na rede mundial de computadores (internet). Um período no qual, tipo por tipo, uniam-se para formar palavras, impressas e distribuídas nos jornais da cidade.

Ao lado da tipografia, um ambiente de casa simples, onde a máquina de costura e objetos para fazer renda, orientam que ali vivia alguém dos fazeres, alguém da produção. Com móveis mais simples, assim como o ambiente, o local representa a classe média, detentora de seus fazeres, conhecedora de práticas manuais, como o bordado de bilro e a costura.

O armazém tem cores e cheiros e nos remete a uma vida onde o plástico não tinha vez. Papel e vidro dominam o cenário e a venda a granel movia o comércio local, onde quase tudo podia ser encontrado no mesmo lugar: grãos, temperos, lamparinas, malas... um ambiente que remete a confiança de uma sociedade, marcada pelo “caderno do fiado”.

Espacialmente falando, o cenário do espaço urbano, apresenta casas, uma praça central, os poderes (da igreja, da delegacia e do judiciário) e a periferia, delimitada por um recurso hídrico, que marca um limite físico e social, que representa a segregação socioespacial. “Do outro lado da ponte” é possível visualizar um ambiente de casas simples, de tijolo e reboco e um salão dançante, que marca um território de prostituição, mas também, de poder. Do poder de influenciar decisões políticas, que se estabeleciam nesses recintos. Espacialmente, é possível definir classes sociais, delimitações de territórios de poder e de convívio social. Rugosidades¹ espaciais que perpassaram o tempo e, até hoje, permanecem como marcas de nossa sociedade.

No espaço rural, evidenciam locais e modos de saber e fazer que se vinculam a uma fazenda autossustentável, como era na época. Um local que tentava produzir o que precisava e trocava seu excedente. Fazem parte do ambiente, a casa da fazenda, a casa do caseiro, uma capela, espaços produtivos agrários, de cachaça, de rapadura de farinha e de biscoito.

¹ Esse é um conceito trabalhado e discutido pelo geógrafo Milton Santos, presente na obra “Por uma Geografia Nova” (1978).

Ambientes artesanais que remetem aos saberes referentes à selaria, ao ferreiro e ao serralheiro. Há também referência ao carro de boi, muito utilizado no período colonial e de grande relevância cultural, ainda nos dias atuais, para o povo de Goiás.

4 Educação patrimonial e resgate cultural: a Vila Cenográfica de Santa Luzia como espaço de formação a partir de uma proposta didática imersiva.

Assim, compreendendo a magnitude das possibilidades do trabalho pedagógico que pode ser desenvolvido no Memorial do Cerrado e, com base no cenário detalhado anteriormente, rico em detalhes de histórias que contam seus objetos, propomos uma imersão didática, que traz a Vila Cenográfica para o cenário do trabalho pedagógico, como espaço para o entendimento sobre cultura e a história de Goiás nos séculos XIX e XX.

Como dito anteriormente, a metodologia é adaptada de Silva e Souza (2019) e foca em questões relacionadas as temáticas abordadas no Documento Curricular para Goiás Ampliado (2021). O fio condutor da atividade é a comparação entre a espacialidade da vida cotidiana no século XIX e a dos alunos no século XXI, usando a cartografia como linguagem para as representações.

A Cartografia foi escolhida porque os mapas fazem parte do nosso dia a dia e ajudam a entender melhor o mundo ao nosso redor, mostrando informações de forma visual e de fácil compreensão. Além disso, a Cartografia também está sempre evoluindo com novas tecnologias, como GPS, satélites e mapas digitais, o que torna o assunto atual, interessante e muito útil.

A escolha pela Cartografia Escolar como recurso pedagógico se justifica porque ela é uma linguagem fundamental para a compreensão do espaço. Ensinar Geografia sem Cartografia empobrece a compreensão do espaço vivido, pois o mapa não é apenas uma figura, mas “uma forma de pensar e representar o espaço”. Assim, trabalhar com cartografia significa permitir que o estudante desenvolva o pensamento espacial, habilidade essencial na vida cotidiana, na leitura de mundo e na formação cidadã.

Além disso, entendemos que a Cartografia, utilizada como estratégia de ensino, traz amplos benefícios para o processo formativo do estudante, da seguinte forma: ensina o aluno a ler o mundo e se localizar nele; estimula habilidades cognitivas essenciais, como observação, análise e abstração; é coerente com o currículo oficial de Goiás, que coloca a cartografia como eixo estruturante do ensino de Geografia; dialoga perfeitamente com espaços não formais,

transformando vivências em conhecimento representado; promove protagonismo, criatividade e autonomia, já que o aluno passa a ser o autor de seus próprios mapas.

Proposta 1

Plano de trabalho pedagógico

Proposta Didática: Mapeando Afetos e Espaços - Vida Cotidiana no Século XIX

Disciplina: Geografia / História

Público: estudantes do Ensino Fundamental Fase II

Local: Complexo de Visitação do Memorial do Cerrado - Vila Cenográfica de Santa Luzia.

Objetivo Geral da atividade: Compreender a organização socioespacial de um núcleo urbano-rural do século XIX em Goiás, utilizando os princípios da cartografia escolar e afetiva para estabelecer comparações críticas com o modo de vida contemporâneo.

Ementa: Ambientes não formais de aprendizagem e o cotidiano das escolas. Apropriação dos conteúdos - experiências e práticas prévias dos professores das escolas. Atividade pedagógica, para compreensão e estudo comparado, entre a espacialidade da vida cotidiana no século XIX e os modos de vida atuais, usando a cartografia como linguagem central.

ETAPA 1: PREPARAÇÃO EM SALA DE AULA (Pré-Visita)

Tema: Introdução à Cartografia e à Vida no Século XIX

1. Sensibilização com Cartografia Afetiva: cada aluno criará um mapa mental afetivo de sua própria casa. No desenho, eles não devem se preocupar com a precisão métrica, mas sim representar os espaços a partir de suas vivências e afetos. Onde se sentem mais acolhidos? Onde estudam? Onde a família se reúne? Onde brincam? Devem incluir uma legenda explicando esses "pontos afetivos". O objetivo desta atividade é o de estabelecer a premissa de que o espaço é uma construção social e afetiva, preparando-os para a análise dos espaços da Vila Cenográfica de Santa Luzia, quando da visita técnica.

2. Introdução à Cartografia Técnica: ao mesmo tempo que os alunos “mapeiam” seus espaços afetivos em suas casas, de forma dialogada, elementos e conceitos básicos de Cartografia podem ser inseridos, quando da leitura dos mapas pelos alunos. Título, legenda, escala, orientação (pontos cardeais) e fonte, são alguns tópicos que podem ser abordados.

3. Contextualização Histórica: para que algumas questões teóricas sejam mais bem apreendidas durante a visita, um trabalho de pesquisa prévio, precisa ser realizado. Este trabalho pode estar vinculado aos conteúdos e/ou ser desenvolvido em conjunto com outras disciplinas. Em grupos, os estudantes pesquisarão sobre a Goiás do século XIX, focando em temas como: economia (mineração, pecuária, agricultura de subsistência), sociedade e cultura (família, festas, religiosidade), espaço e moradia (arquitetura, funções dos cômodos, relação entre área urbana e rural na vila). Como produto sugere-se uma pequena apresentação coletiva, socializando os achados.

ETAPA 2: EXPLORAÇÃO NA VILA CENOGRÁFICA (Visita)

Tema: Registro e Análise do Espaço Histórico e das historicidades vividas

Recursos por Grupo: Caderno de campo, planta baixa da vila (se tiver), lápis, borracha, câmera de celular (se permitido).

1. Missão Cartográfica Principal: ao chegar, cada grupo recebe uma planta baixa "muda" da vila (apenas com a *outline* dos edifícios e numeração). Durante a visita, eles devem preencher a legenda, identificando a função de cada edificação, tanto do espaço urbano, quanto rural (ex.: 1. Casa do coronel, tipografia, armazém, casa de fazenda; 2. capela; 3. oficina de ferreiro; e anotando observações no caderno de campo.

2. Paradas Orientadas e Análise Espacial: os pontos para as paradas, podem ser conduzidos pelo professor. Sugerimos que todo o percurso do meio urbano seja mapeado, começando pela casa do coronel e terminando no espaço da periferia. Ao mapear os pontos, os estudantes devem observar e analisar os objetos expostos: a disposição dos cômodos, a existência (ou não) de divisórias, os móveis e objetos, assim como os textos, presentes nos ambientes e o a localização no complexo da cidade, ou da fazenda. Com essa atividade, o trabalho de campo, vai além da visita e da observação superficial - o estudante precisa interagir com o espaço, a sua disposição física e os objetos que o compõem. Precisa construir uma narrativa a partir do mapeamento e da observação; precisa identificar os locais visitados e aprofundar sobre sua funcionalidade. Assim como irá também refletir, sobre como estavam e estão dispostas a estrutura social e cultural do povo goiano, associando o mapeamento realizado *in loco*, com o mapeamento afetivo realizado na sua casa.

Sugerimos algumas questões para reflexão:

- a) Comparando com o 'mapa afetivo' da sua casa, quais são as maiores diferenças na organização dos espaços de convívio, trabalho e descanso?
- b) Como a espacialidade dos ambientes apresentados refletem a estrutura familiar e a economia da época (ex.: patriarcalismo, integração entre moradia e produção)?
- c) O que a localização e a arquitetura dos espaços nos dizem sobre o papel da religião na organização da sociedade e do espaço naquele período?
- d) Como a produção local de ferramentas e objetos garantia a autonomia e a sustentabilidade da comunidade? Que profissões como essa existem hoje e onde estão localizadas na nossa cidade?

ETAPA 3: SÍNTESE E PRODUÇÃO (Pós-Visita)

Tema: Cartografias Comparativas e Diálogo com o Presente

1. Criação de Cartogramas Temáticos: com base nas anotações, fotos e na planta baixa preenchida, os grupos elaborarão dois mapas temáticos da vila:

- a) Mapa dos Fluxos e Afetos: um mapa que mostra, com setas e símbolos, por onde as pessoas circulava para trabalhar, rezar e socializar.
- b) Mapa da Autossuficiência: um mapa que destaca as áreas de produção de alimentos (horta, forno), água (poço) e bens (oficinas), mostrando como a vila funcionava como um sistema interligado.

2. Mesa-Redonda: "Do Século XIX ao XXI: O que Mudou no Nosso Espaço?"

Dinâmica: Os grupos apresentam seus cartogramas e o professor media um debate, guiado por questões como: O que a espacialidade da vila do século XIX tem em comum com a nossa cidade hoje? E o que é radicalmente diferente? O conceito de 'casa', 'trabalho' e 'comunidade' se transformou? Como? A cartografia afetiva dos espaços seria muito diferente da de vocês? Por quê?

3. Produto Integrado:

Diário de bordo coletivo: a turma organiza um diário de bordo coletivo, destacando objetos, espaços ou ações que mais chamaram a sua atenção durante a visita (as ilustrações podem ser em forma de desenho ou foto), e que lhe fizeram repensar sobre o lugar de mundo atual - a vida em dois espaços: um relato sobre como a organização da vila do século XIX me fez repensar o meu lugar no mundo hoje. A produção pode se tornar uma mostra de afetividades espaciais e ser exposta na escola, gerando curiosidade sobre o espaço e incentivando novas visitas.

RECURSOS NECESSÁRIOS

Para o professor: planta baixa da Vila Cenográfica para reproduzir, roteiro de visita, materiais de referência sobre o período histórico.

Para os alunos: papel sulfite, lápis, borrachas, canetas coloridas, cadernos para registro de campo, câmeras de celular ou *tablets* (para registro fotográfico, se autorizado).

Proposta 2

Plano de trabalho pedagógico

Proposta Didática: A Jornada no Tempo e no Espaço: Desvendando a Vila Cenográfica.

Disciplina: Geografia / História

Público: estudantes do Ensino Fundamental Fase II

Local: Complexo de Visitação do Memorial do Cerrado - Vila Cenográfica de Santa Luzia.

Objetivo Geral da atividade: explorar e vivenciar os modos de vida relativos a sociedade no período colonial a partir do espaço cenográfico, de modo que os alunos reflitam sobre suas descobertas e experiências.

Ementa

Circuito pedagógico relacionado a uma viagem no tempo. Exploração dos espaços de visitação da vila cenográfica. Modos de vida da sociedade colonial.

Roteiro: a proposta convida os estudantes a embarcarem em uma Jornada no Tempo e no Espaço, explorando o cotidiano, as relações sociais e o modo de vida nas vilas históricas goianas por meio de uma experiência imersiva no Memorial do Cerrado. O percurso

pedagógico é organizado como uma narrativa de viagem: o ponto de partida é a sala de aula, onde os “viajantes do tempo” preparam suas perguntas e hipóteses; o percurso da descoberta ocorre da saída da escola, até o espaço a ser visitado - na Vila Cenográfica, onde os estudantes observam e registram o espaço urbano percorrido, identificando situações geográficas do cotidiano, bem como registram o espaço de visitação, comparando e interpretando o espaço vivido e o observado; e o retorno à base (sala de aula) marca o momento de reconstrução do conhecimento, quando conectam passado e presente, por meio da cartografia temática, produções audiovisuais e debates reflexivos.

A jornada integra práticas de educa o patrimonial, cartografia escolar e metodologia investigativa, estimulando a observa o, a imagina o e o pensamento crítico. O professor atua como mestre e mediador do conhecimento, orientando os alunos em uma viagem que une memória, espaço e identidade. A proposta visa promover o desenvolvimento de competências da BNCC (2017), como o reconhecimento do patrim nio cultural, a leitura crítica do espaço geográfico e histórico e a valoriza o da diversidade social e temporal do território goiano.

Sugere-se o uso de um diagrama ou fluxograma para ilustrar o circuito (que pode ser montado de forma antecipada, pelo professor, em uma visita pré campo). Os trabalhos deverão evidenciar as conexões entre a sala de aula, o espaço da vila cenográfica e a sala de aula novamente.   possível utilizar ícones para representar as atividades e a legenda do mapa (por exemplo, um lápis para a pesquisa, uma lupa para a observa o, um mapa para a cartografia). Sugere-se descrever cada etapa, utilizando uma linguagem mais narrativa e menos técnica. Vale descrever a atmosfera da sala de aula, a emo o da chegada ao Memorial e a vivacidade das atividades na Vila Cenográfica.

Atividades para alunos e professor

Fase 1: Pré-visita - O ponto de partida

Professor

- **Papel:** Mestre do Conhecimento
- **Atividade:** o professor atua como um guia, preparando o terreno para a jornada. Apresenta o "mapa da aventura" (planta da Vila Cenográfica), discute as "pistas" históricas e explica as ferramentas (conceitos de cartografia).

- **Recurso:** uma lousa com um mapa desenhado, slides com fotos históricas e perguntas-chave (ex: "Como as pessoas viviam sem a tecnologia de hoje?").

Alunos

- **Papel:** Viajantes do Tempo
- **Atividade:** elaboração do Diário de Bordo. Este diário não é apenas um caderno, mas uma cápsula do tempo. Nele, os alunos registram suas expectativas, medos e perguntas sobre a vida na vila, criando um registro do presente para ser comparado com as descobertas do passado.
- **Recurso:** um caderno personalizado, onde os alunos podem desenhar, escrever e colar imagens.

Fase 2: Na Vila Cenográfica - A exploração

Professor

- **Papel:** Facilitador da Descoberta
- **Atividade:** o professor orienta os grupos, encoraja a observação e faz perguntas que estimulem a reflexão. Em vez de dar respostas prontas, ele incentiva os alunos a explorarem e encontrarem as próprias conclusões.
- **Recurso:** Um roteiro de perguntas abertas para guiar a observação (ex: "Por que a igreja está no centro da vila?", "Que histórias os objetos da casa podem contar?". ?), "Por que o bordel está na periferia da cidade", O que representava o armazém na vida social e econômica da cidade e do espaço rural"...).

Alunos:

- **Papel:** Detetives do Passado
- **Atividade:**
- **Estações temáticas:** em cada estação (casa, venda, oficina), os grupos de alunos recebem uma "missão" relacionada à cartografia e ao modo de vida. Por exemplo, na Casa do Fazendeiro, a missão é mapear os cômodos e suas funções, comparando com a própria casa.

- **Entrevistas imaginárias:** os alunos usam a criatividade para "entrevistar" os personagens que poderiam ter vivido ali, registrando as respostas em seu diário de bordo.
- **Recurso:** A planta da Vila, o Diário de Bordo, câmeras de celular para registrar detalhes.

Fase 3: Pós-visitas

Professor

- **Papel:** Mediador das Conexões
- **Atividade:** o professor promove o debate e ajuda os alunos a conectarem suas descobertas com a teoria e o presente. Ele estimula a reflexão sobre o impacto do passado no presente.
- **Recurso:** projeção dos mapas e vídeos dos alunos para a turma, questionamentos sobre as mudanças e permanências na sociedade goiana.

Alunos

- **Papel:** Contadores de Histórias

Atividade

- **Produção do "Telejornal Histórico":** os grupos produzem e apresentam o telejornal, onde compartilham suas descobertas de forma criativa. Essa atividade permite a aplicação da tecnologia e o trabalho em equipe.
- **Cartografia Temática:** com a orientação do professor, os alunos criam mapas temáticos que representem, por exemplo, a hierarquia social da vila (maior casa = mais poder) ou a circulação das pessoas.
- **Recurso:** ferramentas de edição de vídeo (*capcut*, por exemplo), cartolinas para os mapas.

Considerações finais

A metodologia proposta buscou superar a lacuna dos materiais didáticos tradicionais, no que se refere a uma educação inclusiva e participativa, com foco em temas relacionados a cultura de Goiás. A escolha pela Cartografia, permitiu não apenas cumprir as diretrizes

curriculares, mas também, estimular a reflexão crítica sobre o espaço vivido. E despertar sentido nos estudantes, articulando espaço e objetos para o desenvolvimento de uma narrativa histórica e geográfica.

As sugestões didáticas demonstraram como a articulação entre a Cartografia Escolar e os espaços não formais de aprendizagem podem materializar as orientações curriculares do DC-GO (2021) e da BNCC (2018), especialmente no eixo da “Goianidade”. Ao transformar a Vila Cenográfica de Santa Luzia em um laboratório vivo de investigação geográfica, o projeto não apenas procura colaborar com a carência de materiais didáticos sobre a temática regional, mas também, efetiva uma aprendizagem significativa, na qual os conceitos cartográficos e históricos são construídos a partir da experiência sensorial e da análise espacial concreta.

O percurso metodológico proposto, estruturado em três etapas (preparatória, exploratória e sintética), evidencia as possibilidades de trabalho pedagógico em diferentes fases - articulando o trabalho antes, durante e depois da visita. A proposta é uma integração de uma Cartografia Afetiva à técnica. Ao iniciar com o mapeamento subjetivo da própria casa, por exemplo, os estudantes estabelecem uma ponte emocional e cognitiva com o espaço, compreendendo-o como uma construção social, permitindo que o aluno decodifique a lógica socioespacial do passado.

A produção dos cartogramas temáticos – como o mapa dos fluxos e o da autossuficiência – solicita dos estudantes, observações, sínteses e articulações de causa e efeito representando, graficamente, processos sociais. Este exercício vai além da leitura passiva de um espaço ou de um mapa, posicionando os estudantes como autores de representações cartográficas, capacitando-os para uma leitura mais crítica do espaço contemporâneo.

Por fim, a proposta indica a possibilidade formativa tanto para estudantes, quanto para professores. Ele procura colaborar com a qualificação da atuação docente, ao oferecer um modelo concreto de transposição didática para temas regionais, e coloca os discentes como sujeitos ativos na construção do conhecimento. Dessa forma, a iniciativa não apenas atende a uma demanda curricular, mas se consolida como uma estratégia pedagógica transformadora, que vincula afeto, território e memória na formação de cidadãos conscientes de sua identidade e de seu lugar no mundo.

Infelizmente, não foi possível executar a proposta no âmbito deste mesmo trabalho, mas, a proposta fornece caminhos para sua execução e o desenvolvimento de projetos futuros, que amplifiquem o debate sobre ações pedagógicas formativas e espaços não formais de aprendizagem.

Referências

GAIA, Aryane Alyne Barbosa; LOPES, Fabrício Teles. A utilização de espaços não formais como estratégia educacional no ensino de ciências. **Ciências em Foco, Campinas**, v. 12, n. 1, p. 44–53, 2019. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cef/article/view/9890> Acesso em: 17 dez. 2025.

ARRUDA, Adriana Lúcia de; ALMEIDA, Claudiani Aparecida de Assunção; COSTA, Ivalleica Ferreira da; ALMEIDA, Letícia Adrielle Malaquias de Oliveira; LUZ, Ua-Naia Aparecida; SANTOS, Vânia Valesca Castilho da Silva. Espaços não-formais na educação. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, São Paulo, v. 7, n. 9, p. 1370–1380, 2021. DOI: Disponível em: <https://doi.org/10.51891/rease.v7i9.2360>. Acesso em: 17 dez. 2025.

AURICCHIO, P.; SALOMÃO, M. G. **Técnicas de coleta e preparação de vertebrados:** para fins científicos e didáticos. São Paulo: Instituto Pau Brasil de História Natural. 2002. 349p.

BATISTA, A. A. G. **O Livro Didático e a Região Centro-Oeste:** limitações e possibilidades. 2011.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CONSELHO PLENO. **Resolução Nº 2, de 1º de julho de 2015**. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/docman/agosto-2017-pdf/70431-res-cne-cp-002-03072015-pdf/file> acesso em 14 de dezembro de 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais - DCNs. Resolução 2/2015. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/cne/resolucoes/resolucoes-cp-2015> acesso em: junho de 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/> acesso em: 15 de junho de 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes para a Extensão da Educação Superior Brasileira. Resolução Nº 7 de 18 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://abmes.org.br/legislacoes/detalhe/2665>. Acesso em 15 de junho de 2025.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CONSELHO PLENO. **Parecer CNE/CP nº 22 de 7 de novembro de 2019**. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=133091-pcp022-19-3&category_slug=dezembro-2019-pdf&Itemid=30192 acesso 15 de junho de 2025.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Resolução CNE/CP Nº 4 de 29 de maio de 2024**. Disponível em: <https://abmes.org.br/arquivos/legislacoes/Resolucao-cne-cp-004-2024-05-29.pdf> acesso em: junho de 2025

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos**. Campinas: Papirus, 2008.

CHAGAS, Mário. **Museu, Memória e Cidadania**. Rio de Janeiro: MinC, 2003.

GOIÁS. Secretaria de Estado da Educação. **Documento Curricular para Goiás Ampliado (DC-GO)**. Goiânia: Secretaria de Estado da Educação, 2021.

JACOBUECCI, Daniela Franco Carvalho. Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica. **Em Extensão**, Uberlândia, v.7, p.55-66, 2008.

MADI FILHO, J. M. I. **Animais taxidermizados como materiais de ensino em fins do século XIX e começo do século XX**. 2013. 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação: política, história e sociedade) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

MARANDINO, M., CAMPOS, N. F., LEPORO, N., CAFFAGNI, C. W. A., MAIA, R., OLIVEIRA, A. D.. 2012. A percepção de biodiversidade em visitantes de museus: um estudo no Brasil e na Dinamarca antes da visita. **Tempo Brasileiro**. v.N.188, 97-112

ROCHA, E. V.; SAMPAIO, A. A. M. Primeiro ensaio sobre o uso da taxidermia em educação ambiental: para pessoas cegas e de baixa visão. In: **XVI ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 2010**, Porto Alegre. Anais... São Paulo: AGB, 2010. v. 1. p. 1-10. Disponível em: < <http://docplayer.com.br/18255953-Primeiro-ensaio-sobre-o-uso-da-taxidermia-emeducacao-ambiental-para-pessoas-cegas-e-de-baixa-visao.html>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

SATYRO, N.; SOARES, S. **A Infraestrutura das Escolas Brasileiras e seu Impacto no Desempenho Escolar**. 2007.

SILVA, Maria Auxiliadora Ribeiro; SOUZA, Mateus Santos. **VI Simpósio de Cartografia para escolares – SIMCAES**.

TAFFAREL, C. D. Museus escolares: a utilização de técnicas de taxidermia como auxílio no ensino da Educação ambiental. **Revista Monografias ambientais**, v. 10, n. 10, p. 2128 – 2133, 2012.

VIEIRA, Valéria; BIANCONI, L. M; DIAS, Monique. Espaços não formais de ensino e o currículo de ciências. **Revista Ciência e Cultura**. Vol. 57. No.4. São Paulo, 2005.